

Sarney: 'Brasil deve ter voz mais ativa no desarmamento'

Teletoto de Gustavo Miranda

LUCIA TORÍBIO
Enviada Especial

NOVA YORK — "O Brasil precisa ter voz mais ativa nas negociações sobre desarmamento". Esta posição, revelada ontem pelo Presidente Sarney no Central Park de Nova York, o Brasil levará hoje à Sessão Especial sobre Desarmamento das Nações Unidas. Sarney defenderá as negociações plurilaterais e não polarizadas apenas nas grandes potências. Além desta tese, citará os esforços de desarmamento como um incentivo ao desenvolvimento, já que os recursos gastos na indústria bélica podem ter aplicação em outros setores produtivos.

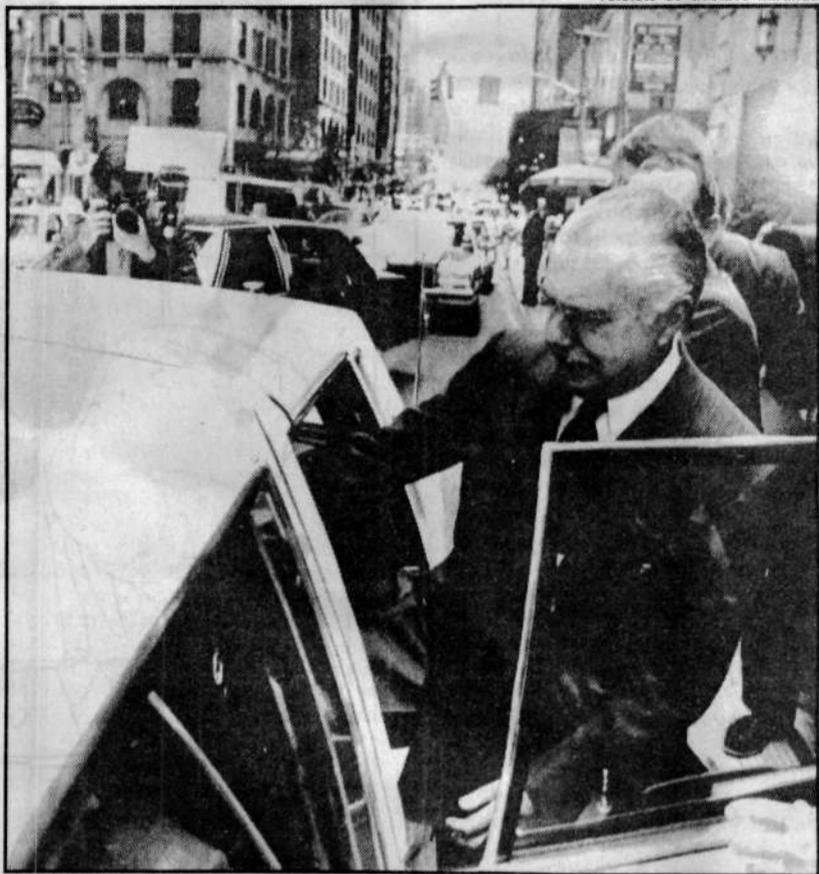
Ontem, o Presidente passou grande parte da manhã dando os últimos retoques e discutindo seu pronunciamento com os Embaixadores Marcílio Marques Moreira e Paulo Nogueira Batista, representante do Brasil junto à ONU. Além de repetir a posição brasileira, defendida na Comissão Permanente de Genebra, Sarney fará uma declaração de princípios. O primeiro texto do pronunciamento do Presidente foi preparado pelo Itamaraty no início da semana passada, mas só começou a ser lido por Sarney no último fim de semana.

Apesar da pouca importância que a Sessão da ONU tem merecido da imprensa internacional, os assessores do Presidente destacam que esta

é a primeira participação de um Chefe de Estado brasileiro na reunião, apesar de o País já integrar há mais de 30 anos a Conferência Permanente de Desarmamento de Genebra. Esta participação, explicam os diplomatas brasileiros, é uma consequência da política externa brasileira, especialmente a proposta de criação da zona de desmilitarização do Atlântico Sul, aprovada pela Assembleia Geral da ONU.

Durante o dia de ontem, Sarney só deixou a suíte do 14º andar do Hotel Intercontinental para almoçar com D. Marly no "Tavern on the Green", restaurante no Central Park mais famoso pela decoração e pelos altos preços do que pela comida.

Hoje, depois de discursar na ONU, onde se encontrará também com o Secretário Geral, Javier Pérez de Cuéllar, o Presidente da 42ª Assembleia Geral, Peter Florin, e com o Presidente da Colômbia, Virgílio Barco Vargas, o Presidente receberá uma homenagem do Grupo dos Países Latino-Americanos e Caribe. Depois, Sarney cumprirá uma agenda cultural, como em todas as suas viagens ao exterior. Ele irá a uma livraria e visitará a exposição "Brasil Projects", de artistas plásticos brasileiros, como Hélio Oiticica, Adir Sodrê e Franz Kracjberg, montada desde abril com grande repercussão em Nova York.



O Presidente Sarney entra no automóvel para almoçar, em Nova York

Sinais positivos do Brasil chegam aos EUA

Os sinais de estabilidade econômica e política emitidos pelo Brasil chegaram aos Estados Unidos como uma contribuição "extremamente positiva" na negociação do Brasil com os bancos credores, mas não foram suficientes para superar as divergências sobre dois temas que ainda separam os negociadores brasileiros dos banqueiros: a cláusula cautelar, no contrato de renegociação, que autoriza a penhora de bens brasileiros no caso de nova suspensão de pagamentos; e a vinculação dos novos desembolsos ao acordo com o FMI.

Este foi o informe apresentado na manhã de ontem ao Presidente Sarney pelo Embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, e pelo assessor do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, negociador político da dívida. A expectativa do fechamento de um

acordo nos próximos dias — possivelmente ainda durante a estada do Presidente Sarney nos Estados Unidos — foi descartada por Sérgio Amaral, que considerou "prematuro e arriscado" fixar data para o término das negociações; e pelo próprio Presidente, que negou que a sua presença altere o ritmo da negociação.

Mesmo sem a data do fechamento do acordo, o Presidente José Sarney encontrou um clima bastante otimista entre os representantes diplomáticos do Brasil nos Estados Unidos.

— Estamos num limiar de inflexão de tendência. O vento começa a soprar para o nosso lado — comentou o Embaixador Marcílio.

Se as mudanças econômicas internas do País não estão sendo decisivas para as negociações com os

bancos privados, elas devem ter papel fundamental, conforme os diplomatas brasileiros informaram ao Presidente Sarney, no fortalecimento das relações do Brasil com os bancos oficiais, especialmente o Banco Mundial, em programas de empréstimos para projetos estruturais. A nova política interna também facilitará a captação de recursos junto a países superavitários, especialmente o Japão.

Mas o primeiro encontro do Presidente com um representante de instituição financeira internacional nos Estados Unidos não chegou a acontecer. Ele deveria receber o Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias, que cancelou o encontro com um telefonema e prometeu se avistar com Sarney na recepção oferecida pelo Embaixador Paulo Nogueira Batista.



Sarney cumprimenta Shamir ao recebê-lo na suíte do hotel, em Nova York

Nos encontros, as relações bilaterais

NOVA YORK — Em encontros separados, o Presidente José Sarney recebeu ontem à tarde, na sua suíte do Hotel Inter-Continental, o Primeiro Ministro de Israel, Yitzhak Shamir, o Presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner e o Vice-Presidente de Cuba, Carlos Rafael Rodríguez. Os dois primeiros preocuparam-se com aspectos diversos de um mesmo tema: a realidade brasileira. Stroessner interessou-se pela Constituinte e Shamir pela inflação. Na conversa com o Vice de Cuba, foi Sarney quem mais perguntou, concentrando-se nas negociações para a retirada das tropas cubanas que combatem os sul-africanos em Angola.

O Embaixador Luís Felipe Seixas Correia, que presenciou todas as reuniões, contou que o Primeiro Ministro de Israel disse a Sarney estar seu país interessado em melhorar as relações bilaterais. Prometeu au-

mentar a importação de artigos brasileiros, para equilibrar a balança comercial, desfavorável ao Brasil. Depois, Shamir quis saber como anda a estratégia de combate à inflação — problema que afeta ambas as nações.

— O Presidente disse-lhe que há boas perspectivas. Contou-lhe algo sobre os últimos contatos com os credores privados da dívida externa e lhe passou os números positivos de nossa balança comercial — informou o Embaixador.

Carlos Rafael informou que o conflito se aproxima do fim e transmitiu ao Presidente do Brasil o desejo do Presidente de Cuba, Fidel Castro, de aprofundar as relações entre os dois países. Em resposta, Sarney lhe expressou a disposição de ajudar Cuba a solucionar os graves problemas que enfrenta, em particular no setor tecnológico.

Uma troca de idéias em torno do discurso

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

NOVA YORK — O Presidente José Sarney passou boa parte da manhã de ontem corrigindo o texto do discurso que fará esta manhã nas Nações Unidas sobre o desarmamento mundial. A tarde, este assunto ocupou um reduzido espaço nas conversas que teve com os mandatários de Israel, Cuba e Paraguai — embora todos eles estejam aqui para debaterlo.

O Presidente paraguaio Alfredo Stroessner sequer tocou no tema. Já o Vice-Presidente de Cuba, Carlos Rafael Rodríguez, disse ser preciso que esta sessão especial da ONU não fique à sombra da recente conferência de cúpula entre o Presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, e o líder soviético Mikhail Gorbachov, em Moscou.

— Temos de destacar, nesse encontro, os interesses do Terceiro Mundo — afirmou Rodríguez.

Mais tarde, o Primeiro-Ministro de Israel, Yitzhak Shamir, contou a Sarney que um dos pontos mais importantes de seu discurso, a ser feito hoje, será sobre as armas químicas. Ele acha que esse assunto deve ter prioridade em qualquer discussão sobre desarmamento.

— A questão é que hoje em dia muitos países têm acesso à tecnologia para a produção desse tipo de armas — alegou Shamir.

Sarney disse-lhe, então, que também mencionaria as armas químicas ao falar hoje às 10h30 perante a Assembleia da ONU.

Stroessner, já discursou ontem. Hoje ele ouvirá as palavras de Sarney e de Shamir. E à tarde iniciará sua viagem de volta. No caminho, fará uma parada na Flórida: não quer voltar ao Paraguai sem conhecer a Disneyworld, em Orlando.